

DESAFIOS ÉTICOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

F. Javier Herrero
UFMG

Foi-me proposto o tema: “Desafios éticos do mundo contemporâneo”, um tema candente e que se apresenta talvez como o problema mais importante para o início do terceiro milênio. Entre os muitos desafios que, de fato, o mundo contemporâneo nos apresenta, vou me concentrar especialmente em três: um primeiro, provocado pela mesma estrutura da ciência moderna e que exige uma ética da ciência; um segundo, consequência do anterior, provocado pelo impacto da ciência e da técnica na ação dos homens e que exige uma ética da solidariedade universal; e um terceiro, provocado pelo fenômeno da globalização e que exige uma resposta ético-política capaz de responsabilizar-se pelas consequências de nossas ações a nível planetário.

Para tematizar esses três desafios, começo lembrando que a cultura ocidental é eminentemente uma cultura da razão. Desde seus inícios na Grécia, ela colocou no seu centro de referência simbólica o “**logos apodeiktikos**”, isto é, a razão demonstrativa. Esta razão que se tornou

reflexiva, isto é, que explicitou e codificou a sua lógica, fez da cultura ocidental uma cultura logocêntrica, que colocou a **ciência** no centro de seu universo de formas simbólicas, ciência antiga, primeiro, coroada pela Filosofia, ciência moderna, depois, na forma de razão científico-técnica com seus métodos experimentais. Importante para nós é lembrar que essa revolução científica transcreveu primeiro a **physis** (natureza) na ordem e coerência do **logos**, dando origem à primeira **ciência da natureza**. Ela tentou, em segundo lugar, submeter e transcreever igualmente o **ethos** humano às exigências do **logos**, dando origem à **ciência ética** ou simplesmente Ética. De qualquer maneira que isso tenha acontecido, surgiu assim uma razão teórica e uma razão prática como eixo orientador de toda uma forma de vida da cultura ocidental. Será da relação destes dois grandes âmbitos entre si, razão teórica e razão prática, que surgirão os grandes desafios atuais.

O primeiro grande desafio é provocado pela atitude fundamental da ciência moderna. Embora a ciência tenha elaborado desde o início, de alguma maneira, seus métodos, ela se viu forçada, pelos seus mesmos progressos, a voltar sobre si mesma para tornar explícito o seu projeto inicial, para esclarecê-lo e assumi-lo de modo mais rigoroso. A ciência separa-se assim do mundo da vida para adotar conscientemente uma atitude precisa. Podemos chegar a descobrir em que consiste essa atitude fundamental da ciência, analisando dois traços característicos do estado atual da ciência: a sua **reflexividade** e o seu **prolongamento técnico**.

A ciência moderna chegou a um tal grau de maturidade, que se tornou capaz de colocar o **problema de seus fundamentos**, isto é, ela se pergunta pelo sentido de seus conceitos fundamentais, pela validade de seus métodos e pelo alcance de seus resultados. Com isso ela inicia um processo de reflexão e, portanto, de radicalização que a torna capaz de tratar de problemas, com novos métodos, que antes eram reservados à filosofia. Essa reflexão leva a ciência não só a uma explicitação mais rigorosa e precisa dos critérios científicos, mas também a uma maior potenciação de métodos de análise. A ciência consegue assim uma generalidade, diríamos, de segundo grau. Essa generalidade corresponde à abstração dos procedimentos mesmos do pensamento. Surgem assim as meta-teorias como fruto dessa reflexividade da ciência sobre si mesma. O que caracteriza os métodos modernos é a integração da reflexividade no mesmo modo de proceder da ciência. Assim, a explicitação do projeto científico é, ao mesmo tempo, a **objetivação** do modo de proceder.

Um segundo traço da ciência moderna é o seu prolongamento técnico. Garantindo as suas bases teóricas, a ciência tende cada vez mais a se constituir como um **instrumento eficaz de análise e de manipula-**

ção do real. A matematização crescente da ciência faz com que esta não só se torne eficaz, mas realize ainda uma objetivação do projeto de eficácia. A ciência comporta, no seu mesmo projeto, a idéia de um poder eficaz sobre as coisas. Por isso o progresso na conquista de perspectivas teóricas é sempre acompanhado da abertura de campos de aplicação tecnológica cada vez mais vastos. Nada tem de estranho que o progresso científico tenha provocado abalos profundos nas estruturas econômicas, sociais e políticas da sociedade e chegue a intervir sobre o aparelho biológico e psíquico do homem. O progresso da ciência cria assim, através de seu prolongamento técnico, graves problemas políticos e éticos. Políticos, porque a investigação científica se tornou um instrumento privilegiado de poder. Cada vez mais é o poder político que determina à investigação científica seus planos de organização, seus meios, seus objetivos e seus limites. Éticos, porque a amplidão mesma das repercussões das descobertas científicas modernas sobre as relações humanas coloca o homem diante da seguinte alternativa: ou a lógica da racionalidade técnica se impõe sobre a ética — e então o único princípio regulador será o da expansão sem limites do poder —, ou a humanidade terá de fazer um verdadeiro esforço de invenção moral para ajustar seus novos poderes aos ideais humanos que a tradição nos legou. Assim, a ciência, colocando-se ela mesma em questão, torna-se um instrumento de questionamento do homem por ele mesmo, na medida em que chegou a inserir-se, por seus efeitos, em todos os conflitos da humanidade.

Ora, se refletirmos um pouco, veremos que essa interferência da ciência em todos os conflitos da humanidade não é efeito de um acidente histórico. Ela está arraigada na mesma atitude fundamental que está na origem da ciência. É através das conseqüências que progressivamente vão se manifestando na história que podemos descobrir o que caracteriza o projeto original da ciência. Pois é esse projeto que possibilita todas essas manifestações, que dá razão das possibilidades que ela comporta, que funda sua reflexividade e sua ligação com a trama concreta da história. Em que consiste pois o projeto da ciência?

Podemos dizer brevemente: esse projeto é o de uma **objetivação radical da experiência**. Objetivação que instaura a dualidade de sujeito e objeto, mas de forma que o sujeito pode manipular, apropriar-se, analisar, destruir, reconstruir e transformar o objeto conforme seus planos e seus cálculos. Essa objetivação do mundo encontra a sua expressão adequada na matematização. É porque a matemática é a ciência das manipulações sobre um objeto qualquer que ela se presta para a representação de um universo totalmente objetivado. É por isso que essa objetivação possibilita um saber eficaz que transforma a “*theoria*” em “*techne*”, que faz com que todo saber seja em vista de um poder. E é por isso que a ciência, como busca de conhecimento,

se integra tão facilmente no conjunto das atividades que operam efetivamente a transformação do mundo, da sociedade, do homem.

Ora, na medida em que a ciência abre esta perspectiva de uma objetivação radical da experiência, pode ser estendida ao conjunto da experiência, isto é, na medida em que abre uma perspectiva **universal**, tende a se impor como perspectiva **única** sobre o universo como modo de experiência absolutamente fundamental. E se essa atitude científica aparece como única atitude verdadeiramente razoável e justificável, então o sentido que ela projeta não é mais um sentido novo ao lado de outros, mas se torna o único sentido possível. Todo sentido se reduz a esse e, nessa redução, se realiza uma **modificação do sentido do sentido**: doravante todo sentido se encontra reduzido a esse conteúdo unívoco, resultante dessa atitude objetivante da ciência. A racionalidade científica torna-se então uma empresa totalitária.

É verdade que a ciência enquanto tal não pretende impor essa limitação de perspectivas, mas comporta, nela mesma, a possibilidade de uma tal pretensão. Assim, a atitude fundamental da ciência leva consigo o risco de se substituir a todas as outras atitudes e de se tornar totalizante. A concreção desse risco será sem dúvida uma transgressão dos limites de sua essência, mas a possibilidade dessa transgressão está inscrita na mesma atitude fundamental da ciência precisamente por ser fundamental, por abrir uma perspectiva capaz de se estender à totalidade da experiência humana.

Mas, seja como for a concreção desse risco, o fato é que o **logos** da moderna ciência da natureza conseguiu a adequação da universalidade que em princípio ou **de jure** é atribuída às operações da razão, com a universalidade reconhecida **de facto** às teorias científicas e aos objetos técnicos, que são vistos como manifestações de um **logos** único e universal. A ciência moderna, que conjuga teoria e técnica, conseguiu consolidar a sua universalidade de jure e de facto na criação de sistemas teóricos e sistemas técnicos que situam e qualificam toda particularidade (natural e histórica) no campo da universalidade racional.

Por outro lado, a história nos mostra que a Ética, a ciência do **ethos** humano, que surgiu igualmente com a pretensão de universalidade, não chegou a se impor de fato. O projeto de uma ética universal e aceita como tal permaneceu problemático na nossa civilização técnico-científica. Foram elaborados muitos sistemas éticos com pretensão teórica de universalidade, mas nenhum deles conseguiu o reconhecimento universal **de facto** como aconteceu com a ciência moderna. E ainda mais, hoje vivemos um niilismo ético ou ao menos um relativismo generalizado de valores. Isso faz com que o momento da particularidade apareça, de fato, não somente do lado do **ethos** his-

tórico, mas também da diversidade dos sistemas éticos. Mas ao mesmo tempo nunca se falou tanto da necessidade de uma Ética, provavelmente nunca se escreveu tanto sobre Ética como na atualidade, porque justamente a sua ausência provoca reações por toda parte, que mostram que a vida humana se autodestrói quando a Ética desaparece de seu horizonte. O ser humano e a sua liberdade perdem a sua dignidade e a sua razão de ser e de viver quando a Ética deixa de ser o marco constitutivo de sua atividade e convivência com os outros no mundo.

Assim, o primeiro grande desafio que a ciência moderna nos coloca poderia ser formulado da seguinte maneira: sendo a atividade científica uma atividade eminentemente humana e tendo ela conseguido um reconhecimento universal de fato na nossa civilização técnico-científica, como submetê-la às exigências da **norma moral** para que ela possa receber uma significação autenticamente humana? Estabelecer a relação entre Ética e Ciência e elaborar uma Ética da Ciência será, sem dúvida, um dos grandes desafios do início do terceiro milênio.

O segundo grande desafio surge como conseqüência do anterior e podemos chamá-lo o desafio **tecnológico-ecológico**. A nossa cultura, dizíamos antes, é uma cultura da razão, na qual a **razão** é o foco ordenador de todos os discursos. Conseqüência disso é que todos os âmbitos da vida foram submetidos a uma teorização. A sociedade moderna exige elaborar teorias da natureza, teorias da sociedade, teorias de tudo, até do inconsciente. A razão se tornou essencialmente **teórica**. Mas, desde seus primórdios, a cultura ocidental elaborou também a ciência do “ethos”, a Ética, ciência do agir humano ou ciência da **praxis**. Esta tentativa de confrontar o agir humano com as exigências universais da razão não obteve o mesmo êxito que a ciência da natureza. Mas a cultura ocidental nunca deixou de tentar uma fundamentação igualmente universal da Ética. E é justamente o enorme desenvolvimento atual das ciências e da técnica que nos leva a colocar, de um modo mais urgente do que nunca, o problema da **responsabilidade da razão**, isto é, esse desenvolvimento nos obriga a responsabilizar-nos por tudo o que esta cultura teórica provocou, sobretudo nos últimos anos.

Para perceber bem a novidade histórica que este desafio apresenta, vou lembrar muito brevemente o contexto em que ele surge. Nós vivemos hoje numa história que se tornou universal porque os modos de produção e as tecnologias se universalizaram de fato. Vivemos numa sociedade de trabalho que atualmente vê acontecer sua terceira revolução industrial, com a informatização da sociedade. Tudo isso significa: pela primeira vez na história, a ciência e a técnica estão dando à atividade humana um raio de ação e um alcance de dimen-

sões planetárias. A técnica permite a comunicação simultânea de todos os acontecimentos no planeta. Pela primeira vez na história do gênero humano, os homens se encontram diante do **desafio** de enfrentar o dever de assumir, em escala mundial, a **responsabilidade** dos efeitos de suas ações: escassez dos recursos da natureza, devastação do meio ambiente, manipulação genética, etc. etc. Estamos vendo crescer o **desequilíbrio** que existe entre o poder de dominação técnica sobre a natureza e sobre o mesmo homem e os critérios morais capazes de dirigir esse mesmo progresso. O abismo que se cria cada vez maior entre os valores morais e os interesses particulares a nível individual e familiar, a nível de políticas nacionais e a nível internacional, mostra a imensa desproporção existente entre os limites das preocupações individuais e a amplidão das conseqüências do agir humano.

Assim, o segundo grande desafio que a ciência e a técnica colocam ao agir humano e, portanto, para a elaboração de uma Ética atual, poderia ser formulado da seguinte maneira: pela primeira vez na história, nossa civilização coloca cada ser humano, cada nação, cada cultura, em face de uma problemática ética comum. Diante de todos surge a urgente **necessidade** de uma **ética da responsabilidade** solidária, capaz de afrontar os desafios emergentes e de assegurar aos homens a capacidade de governar os efeitos do poder que eles efetivamente possuem. É claro que, para enfrentar este desafio da situação atual, as morais fundadas no **sujeito** se mostram totalmente incapazes. Elas não podem assegurar um equilíbrio entre a responsabilidade moral e as crescentes capacidades técnicas que o homem atual possui. O sujeito isolado se mostra completamente impotente diante da responsabilidade a nível mundial, exigida pelas conseqüências universais de ações particulares. Só uma Ética capaz de fundamentar uma responsabilidade universal e solidária poderá enfrentar este imenso desafio.

Um terceiro desafio ético que a situação atual nos coloca provém do lado social surgido da globalização. Podemos chamá-lo de **desafio político**. É um fato que depois da derrubada do muro de Berlin, acontecida em 1989, acelerou-se o fenômeno da globalização na economia, na política e nos quadros jurídicos institucionais e seus efeitos.

Esse novo fenômeno mudou, por exemplo, a natureza do capital. Existe atualmente uma autêntica **pulverização** de sua propriedade. Hoje os fundos de pensão e de investimento detêm posição estratégica no controle do capital e na definição de sua utilização. Existe igualmente uma crescente **mobilidade** dos fluxos financeiros internacionais. Mudou também a natureza do trabalho. Antes o trabalho, o capital e a terra eram os três fatores da produção. Hoje a produção tornou-se mais “intensiva no conhecimento”, isto é, o saber se torna crucial, e o saber tornou-se um fator de **diferenciação** no trabalho. O que vale

é o trabalho qualificado e criativo, e este passou a ser escasso em comparação com a relativa abundância do capital que circula pelo mundo. Mudou, finalmente, o papel do Estado com a globalização. Este tem agora que conciliar o nacional e o internacional, tem que criar condições estruturais de competitividade em escala global.

Surge assim, pela primeira vez na história, a tarefa de dar um sentido humano ao desenvolvimento em escala mundial, como um outro imenso desafio atual, precisamente no momento em que a idolatria do mercado gerou um vazio ético e acelerou o fim das utopias revolucionárias. Nunca foi tão urgente o desafio de recriar uma **ética da solidariedade** e uma ética **universal** da solidariedade. Não deixa de ser estranho que no momento em que a globalização, sobretudo econômica, se torna um fenômeno universal, se proclame por toda parte a impossibilidade teórica de uma ética universal. Estranho, muito estranho, porque a situação atual, e a nível mundial, está marcada fundamentalmente por quatro vergonhas político-morais que afetam gravemente a nossa existência: a fome e a miséria que conduz à inanição e à morte de um número cada vez maior de seres humanos e de nações; a tortura e a contínua violação da dignidade humana sobretudo em Estados despóticos; o crescente desemprego e disparidade na distribuição de renda e riqueza; e a ameaça de destruição da humanidade pelo perigo — ainda não totalmente superado — de uma guerra nuclear e pelo desequilíbrio ecológico. Tudo isso exige mais do que nunca uma **resposta solidária**, capaz de responsabilizar-se pelas conseqüências de nossas ações a nível planetário.

Endereço do Autor:
Rua Araxá, 272 - Apto. 304
31110-280 Belo Horizonte — MG